

A ESCATOLOGIA CRISTÃ E A DIALÉTICA ESPERANÇOSA DO “JÁ” E DO “AINDA NÃO” DE OSCAR CULLMANN¹

CHRISTIAN ESCHATOLOGY AND THE HOPEFUL DIALECTIC OF THE “ALREADY” AND THE “NOT YET” IN OSCAR CULLMANN

LA ESCATOLOGÍA CRISTIANA Y LA DIALÉCTICA ESPERANZADORA DEL “YA” Y DEL “TODAVÍA NO” DE OSCAR CULLMANN

Bruno César Castello Ananias²

Resumo

Este texto aborda a Escatologia cristã, um tema relevante dentro da Teologia Sistemática. A pesquisa destaca a falta de um estudo profundo e criterioso sobre a Escatologia, que muitas vezes é associada a imagens catastróficas e belicosas. O trabalho busca compreender a tensão entre o "já" e o "ainda não", formulada pelo teólogo luterano Oscar Cullmann, e sua importância para a Escatologia cristã e para os cristãos da atualidade. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de cunho qualitativo, analisando obras e autores relevantes da área, como Oscar Cullmann, Gelci André Colli, José Ribeiro Neto, Orivaldo Lopes Junior e Millard J. Erickson, entre outros. A pesquisa conclui que a dialética "já" e "ainda não" de Cullmann é essencialmente esperançosa, pois permite uma compreensão mais efetiva da Escatologia, mostrando que o Reino de Deus já está presente desde a primeira vinda de Cristo, mas só se concretizará plenamente na sua *Parusia*.

Palavras-chave: escatologia; reino de Deus; esperança; dialética; Oscar Cullmann.

Abstract

This text addresses Christian Eschatology, a relevant theme within Systematic Theology. The research highlights the lack of in-depth and rigorous study on Eschatology, which is often associated with catastrophic and warlike imagery. The work seeks to understand the tension between the "already" and the "not yet," formulated by Lutheran theologian Oscar Cullmann, and its importance for Christian Eschatology and for contemporary Christians. The methodology used is a qualitative bibliographic review, analyzing works and relevant authors in the field, such as Oscar Cullmann, Gelci André Colli, José Ribeiro Neto, Orivaldo Lopes Junior, and Millard J. Erickson, among others. The research concludes that Cullmann's "already" and "not yet" dialectic is essentially hopeful, as it allows for a more effective understanding of Eschatology, showing that the Kingdom of God has been present since Christ's first coming, but will only be fully realized at His Parousia.

Keywords: eschatology; Kingdom of God; hope; dialectic; Oscar Cullmann.

Resumen

Este texto aborda la Escatología cristiana, un tema relevante dentro de la Teología Sistemática. La investigación destaca la falta de un estudio profundo y riguroso sobre la Escatología, que a menudo se asocia con imágenes catastróficas y bélicas. El trabajo busca comprender la tensión entre el "ya" y el "todavía no", formulada por el teólogo luterano Oscar Cullmann, y su importancia para la Escatología cristiana y para los cristianos de la actualidad. La metodología utilizada es la revisión bibliográfica de carácter cualitativo, analizando obras y autores relevantes del área, como Oscar Cullmann, Gelci André Colli, José Ribeiro Neto, Orivaldo Lopes Junior y Millard J. Erickson, entre otros. La investigación concluye que la dialéctica del "ya" y el "todavía no" de Cullmann es esencialmente esperanzadora, ya que permite una comprensión más efectiva de la Escatología, mostrando que el Reino de Dios ya está presente desde la primera venida de Cristo, pero solo se concretará plenamente en su Parusía.

Palabras clave: escatología; Reino de Dios; esperanza; dialéctica; Oscar Cullmann.

¹ Este artigo é fruto de pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o Bacharelado em Teologia Interconfessional do Centro Universitário Internacional – UNINTER. O procedimento de pesquisa se deu sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Sousa Lima.

² Bacharel em Teologia Católica e bacharelado em Teologia Interconfessional pela UNINTER. Doutorando em Linguística pelo IEL/UNICAMP. Pesquisador-bolsista CAPES. Mestre em Ciências da Linguagem – UNIVÁS. Licenciado em Pedagogia – UNINTER e Licenciado em Letras – UNIVÁS.

1 Introdução

A Escatologia é um dos temas mais interessantes e relevantes que pertencem à Teologia Sistemática e, embora seja de muito interesse da comunidade cristã, ainda vem sendo levada a segundo plano no que diz respeito ao estudo profundo, criterioso e científico desse tema. Muitos cristãos se prendem a significações aterrorizantes, catastróficas e belicosas a respeito da Escatologia e do fim de todas as coisas, fazendo da imagem escatológica muito mais um filme hollywoodiano do que um acontecimento de sentido salvífico ao término da trajetória terrena de cada indivíduo, assim como do planeta em si. Isso ainda acontece, porque a maioria dos cristãos e de suas comunidades de fé carregam em si aquilo que se pode significar como fé transcendente que, muito mais envolta em uma aura de mistério, não deixa, pela própria opacidade da linguagem religiosa e pela linguagem catastrófica de muitos púlpitos, o fiel analisar o sentido último e verdadeiro da *Parusia*, da consumação dos tempos e do reinado eterno de Deus em Cristo Jesus. Devido a esses outros modos de compreensão, acerca dos últimos dias, uma parcela da comunidade de fiéis desconhece investigações mais profundas sobre o assunto e, também, desconhece que o Reino de Deus e os tempos vindouros já se iniciaram, porém ainda não se efetivaram de forma definitiva.

Dito isso, esta pesquisa trata da relevante formulação da tensão entre o “já” e o “ainda não” na Escatologia cristã, proposta inicialmente pelo teólogo luterano Oscar Cullmann. Ao trazer essa perspectiva à tona, o estudo apresenta a compreensão de que os fiéis se encontram como discípulos em caminhada no processo da Salvação. Por não haver um diálogo profícuo entre academia e sociedade como também entre Igreja e comunidade de fiéis acerca dos fundamentos e da importância dos estudos em Escatologia, como problema central desta pesquisa, formulado a partir de leituras sobre o tema e dos sentidos que esse inscreve para a comunidade de fiéis, põe-se em discussão, neste trabalho, qual a importância da tensão “já” e “ainda não” para a compreensão da Escatologia cristã e para o cristão da atualidade.

Alguns objetivos, para o itinerário desta pesquisa, foram elaborados. Tais objetivos procuram responder o mais adequado possível à problemática exposta, visto que, por eles, busca-se compreender a tensão entre o “já” e o “ainda não”, formulada por Oscar Cullmann, assim como a importância dessa dialética (contradição) esperançosa para a Escatologia cristã e para o cristão da atualidade; procura identificar a tensão “já” e “ainda não” na Escatologia cristã; propõe discutir a importância dessa tensão para o fiel cristão da atualidade e busca reconhecer a importância de Oscar Cullmann para os estudos da Escatologia cristã.

Para o procedimento de análise e desenvolvimento desta investigação, alguns autores importantes dos estudos em Teologia Sistemática e, de modo especial, em Escatologia, foram selecionados a fim de que sirvam de ancoragem à composição da análise proposta e de ponte de diálogo a novas compreensões. Dentre os autores selecionados, destaca-se Colli (2017); Cullmann (2020a), (2020b); Erickson (2010); Lopes Junior (2012); Neto (2019), entre outros.

Ao término desta pesquisa, alguns resultados puderam ser levantados e colocados em discussão, a saber: a) Os estudos de Escatologia centram-se, primordialmente, no evento do milenarismo e nos cataclismos universais, deixando de lado uma práxis mais efetiva ao cristão; b) Vale ressaltar que a dialética “já” e “ainda não” de Oscar Cullmann, como chave de leitura para a Escatologia cristã, possibilita que os fiéis cristãos, principalmente, os da atualidade, compreendam que a vivência do Reino de Deus já está acontecendo desde a primeira vinda de Cristo, porém somente vai se efetivar na *Parusia*, a segunda vinda ou a volta do Senhor; e c) Oscar Cullmann inaugura um modo outro de compreender a História da Salvação com o evento Cristo e sua importância central na história da humanidade, visto que por Ele o Reino se inicia e com Ele se concretizará em plenitude.

2 Metodologia

Esta pesquisa adota a metodologia de revisão bibliográfica qualitativa, com o objetivo de analisar criticamente obras e autores relevantes da Teologia Sistemática, promovendo um diálogo que permita a construção de novos argumentos e o aprofundamento do conhecimento sobre a Escatologia. As obras utilizadas foram previamente selecionadas a partir de fontes como Google Acadêmico, Biblioteca Virtual Pearson e a biblioteca pessoal do autor, considerando sua relevância teórica e contribuição para o tema. Entre os principais referenciais, destacam-se Oscar Cullmann, que em *Cristo e o Tempo* (2020a) introduz a noção de “já e ainda não” para a compreensão do Reino de Deus, e em *História da Salvação* (2020b) discute a temporalidade da salvação no Novo Testamento; Gelci André Colli, com *Panorama Teológico do Novo Testamento* (2017), que oferece uma visão abrangente dos principais temas da Teologia Sistemática; José Ribeiro Neto, com *Escatologia Contemporânea* (2019), que apresenta as principais correntes escatológicas da atualidade; Orivaldo Lopes Junior, com o artigo *Um outro mundo já começou* (2012), que contribui com reflexões relevantes sobre a Escatologia cristã; e Millard J. Erickson, com *Escatologia: a polêmica em torno do milênio* (2010), que propõe uma análise imparcial sobre o milenismo.

3 Discussões teóricas e resultados

3.1 O que vem a ser Escatologia?

Segundo Neto (2019), a Escatologia é a doutrina das últimas coisas ou seja, é um ramo da Teologia Sistemática que estuda o que acontecerá com o ser humano e com o cosmos no final dos tempos. Segundo Cullmann (2020b, p. 138), a palavra escatologia vem do grego “*tà éscatha* que significa *o fim*”. O autor ainda supõe que tenha sua origem na frase de Eclesiástico capítulo 7, versículo 36, que diz: “Em todas as tuas ações, lembra-te do teu *fim*” (Bíblia, 2014).

3.2 Dos estudos escatológicos na atualidade: uma abordagem

A comunidade de fiéis cristãos, muitas vezes, desconhece os aspectos de cientificidade dos estudos escatológicos, que propiciam uma compreensão mais apurada desta noção como também impede interpretações fundamentalistas e catastróficas acerca dos finais dos tempos. Porém, tal desconhecimento não atravessa apenas o lugar dos fiéis na constituição do fazer teológico, esse desconhecimento também se inscreve em parte da comunidade acadêmica que faz da Escatologia matéria menor diante de outros temas da Teologia Sistemática. Segundo Orivaldo Lopes Junior (2012), a Escatologia

Tem sido uma espécie de filha rejeitada da Teologia. Como área da Teologia Sistemática, só mais recentemente ela recebeu atenção por parte dos estudiosos. Também se pode perceber o desequilíbrio dessa parte em relação às outras, observando-se o número de obras sobre o tema. Isso se deve, provavelmente, ao fato de algumas visões simplificadoras apontarem a escatologia como a própria razão de ser da religião, isto é, que a religião nada mais é do que uma pretensa segurança diante da morte e do fim do mundo. Talvez, diante desse reducionismo, os que vivem num contexto de fé acabaram por se tornar omissos em relação ao tema, para não alimentar o preconceito. Acrescenta-se a isso o fato da produção teológica sobre o tema no seio das igrejas ser, muitas vezes, superficial, reforçando, assim, a alienação do cristão em relação ao mundo (Lopes Junior, 2012, p. 639).

Como pode ser compreendido pela citação acima, a Escatologia perde espaço para outras disciplinas da Teologia Sistemática, por acharem que tal assunto é próprio da religião, ou seja, a religião é escatológica por si, não se fazendo necessário nenhum aprofundamento sobre o tema. Isso leva os fiéis e, até mesmo, o mundo acadêmico a se portarem de modo “viciado” acerca do tema, como já dito anteriormente, não dando margem a novas interpretações e a possíveis outras leituras teóricas sobre essa disciplina tão importante.

Colli (2017), em uma discussão sobre temas da Teologia Sistemática, vai dizer que quando se depara com o assunto Escatologia, a primeira imagem que vem à mente é a do

Apocalipse de João ou o célebre discurso de Jesus sobre o fim dos tempos no Evangelho de Marcos. As imagens catastróficas e a linguagem obscura permeiam o universo e a mente daqueles que esperam o fim, ou que acreditam que assim será o fim. Ainda, segundo esse autor, a preocupação com o futuro sempre esteve presente na história das civilizações. Tal preocupação também aparece na Bíblia, porém “o estudo da escatologia é dos mais difíceis na teologia do Novo Testamento. Isso porque nos séculos mais recentes têm surgido diversas teorias a respeito das “últimas coisas” que trouxeram grande confusão a esse estudo” (Colli, 2017, p. 136).

Neto (2019, p. 126) vai dizer que a grande questão que envolve os debates sobre a Escatologia, no momento atual, reside no tema da questão milenar. Para este autor, o milenarismo é a grande “pedra de tropeço” entre as várias confissões protestantes quando colocadas em cena as discussões acerca da Escatologia. Segundo o autor, as discussões acontecem:

No âmbito hermenêutico: Deve-se interpretar o texto literalmente, como um período de mil anos antes da consumação e do Juízo Final, ou de uma forma simbólica, representando um período indeterminado? Os que interpretam de forma literal são chamados *pré-milenistas*; e os que interpretam de forma simbólica estão divididos em dois grupos: os *amilenistas* e os *pós-milenistas* (Neto, 2019, p. 126-127).

Esses modos divergentes de se pensar a Escatologia e, como o próprio autor supracitado afirma, essa “pedra de tropeço”, muito mais que expor divergências hermenêuticas, expõe a problemática de uma não real compreensão e aplicação prática dos conceitos escatológicos às comunidades de fé e aos cristãos da atualidade. Shedd (2006), ao refletir acerca da Escatologia no Novo Testamento, traz contribuições importantes para compreendermos o caminho dos estudos escatológicos. Segundo este pesquisador:

Todas as posições escatológicas apresentam complicações na área da interpretação da Bíblia. As variadas maneiras de entender a profecia preditiva mostram que os que tentam explicar as numerosas passagens escatológicas têm atitudes divergentes quanto à legitimidade de certos métodos de sustentar interpretações que não são suas (Shedd, 2006, p. 08).

Conforme pode ser compreendido pela citação acima, os próprios métodos hermenêuticos e de análise das passagens do Novo Testamento, que tratam da Escatologia ou dos chamados discursos escatológicos, abrem-se a divergências quanto a seus sentidos, principalmente quanto à questão da temporalidade, ou seja, o “quando” dos acontecimentos que predizem ou põem em evidência as coisas do fim. O próprio apóstolo dos gentios, Paulo, vai afirmar com veemência: “A respeito da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e da nossa reunião

com ele, nós lhes pedimos, irmãos: Não se deixem agitar tão facilmente [...], como se o Dia do Senhor já estivesse próximo” (Bíblia, 2014). Tal afirmação, dada pelas primeiras Epístolas de Paulo apóstolo, nos coloca em confronto direto com algumas lideranças religiosas e com determinadas comunidades de fé que fazem da Igreja um palco terrificante sobre a chegada do Final dos Tempos ao invés de fazerem a Igreja coparticipante desse fim, por via de sua atuação e de seus membros para a implantação definitiva do Reino de Deus e do Evangelho de Jesus Cristo na integralidade de sua missão como peregrina na Terra. Como afirma Rezende (2023, p. 11), “a Igreja não é o Reino de Deus, mas parte integrante dele, e atua [...] para a consolidação da vontade de Deus na história”. No entanto, Colli (2017) faz uma ressalva bem interessante que pode colocar o cristão contemporâneo em um caminho mais autêntico do que seja a Escatologia e a sua importância para a vida prática do fiel. Para ele

A comunidade primitiva não pensava que o fim dos tempos era algo distante da sua realidade; para ela, o fim teve início com a vinda de Jesus e terminará com os grandes acontecimentos da sua volta [...]. Essa é uma convicção fundamentada na pregação de Cristo sobre o Reino de Deus (Colli, 2017, p. 138).

Ora, se as primeiras comunidades cristãs estavam convictas de que o fim dos tempos se iniciou com a vinda do Cristo e terminaria com os acontecimentos finais da *Parusia*, que concepção é esta de Escatologia a não ser a fórmula esperançosa cullmanniana do “já” e do “ainda não”?

3.3 A tensão do “já” e do “ainda não” como chave hermenêutica

A importância da dialética esperançosa “já e ainda não” para o entendimento da Escatologia cristã e para o cristão da atualidade que, muitas vezes, se vê perdido no entendimento da realidade escatológica, é a de colocar em causa a presença forte e efetiva do reinado de Deus. Para Cullmann (2020a), a História da Salvação é escatológica no sentido de que os Evangelhos são permeados de um cumprimento *já* realizado e por aquilo que ainda está por se concretizar. Tal leitura foi uma novidade para os estudos de Escatologia como também é uma proposta mais efetiva para os cristãos da contemporaneidade lidarem com a questão das últimas coisas, porque essa dialética, por ser esperançosa, dá a conhecer o Reino de Deus onde todos, no agora, já habitam. O autor, em sua obra *Cristo e o Tempo*, ao se referir às suas próprias pesquisas teológicas, o autor diz:

Ao me fundamentar sobre os textos do Novo Testamento, eu me declaro sem equívocos a favor da temporalidade concebida como a *essência* da escatologia, mas

não, todavia, no sentido de Bultmann ou de Schweitzer, mas naquele de uma perspectiva da história da salvação, segundo a qual há uma *tensão* entre o “já cumprido” e o “ainda não”, entre o presente e o futuro (Cullmann, 2020a, p. 34-35).

Como pode ser compreendido pela menção supracitada, Cullmann propõe que a Escatologia já está presente na própria História da Salvação que é linear, ou seja, inicia-se na Criação, centra-se em Cristo e ruma à *Parusia*. Consoante Cullmann (2020a), o evento Cristo é o centro da História da Salvação e o início do evento escatológico “já” iniciado, contudo “ainda não” concluído em plenitude. A plenitude dos tempos, significada também por *Parusia*, será o evento último com a segunda vinda de Cristo e a implantação definitiva do Reino de Deus que já se iniciou com Jesus. Esta é a lógica em que o cristão da atualidade deve viver: a lógica de que se vive já o Reino, pois ele está presente desde a “Encarnação do Verbo de Deus” (Bíblia, 2014).

Esse modo de interpretar e analisar o evento escatológico põe em evidência uma forma outra de compreender o mundo e os próprios eventos descritos no Novo Testamento. Captar o evento Cristo como o início da plenitude, é dizer que já se vive o Reino de Deus, mas como o Reino “está no meio de vocês” (Bíblia, 2014), muitas vezes, os cristãos contemporâneos estão despreparados para encontrá-lo, ou melhor, percebê-lo em sua essência. O discipulado que é o elemento nodal da percepção do Reino, frequentemente se perde pelo caminho. Desse modo, um diálogo fecundo entre Igreja e comunidade de fiéis se faz relevante, a fim de mostrar a importância da dialética “já e ainda não” para a vivência cristã, pois ela traz em sua constituição o sentido da esperança.

O Reino de Deus, naquilo que se deve compreender enquanto Reino, não pode estar concentrado em “futuologias” e cataclismos. O Reino de Deus “não se encontra aqui ou ali” (Bíblia, 2014), é uma realidade presente no seio do homem e se mostra na sua atitude evangélica diante da fragmentação do mundo e da liquefação da sociedade. De acordo com Erickson (2010), o reinado de Deus é:

Uma realidade presente; está aqui de modo terreno. O reino não é um império ou domínio sobre o qual o Senhor reina; é, na verdade, o governo de Cristo no coração dos homens. O reino está presente onde quer que os homens creiam em Jesus Cristo, dediquem-se a ele [...] [e a Sua causa]. Não é, portanto, algo a ser introduzido de modo cataclísmico em algum tempo futuro (Erickson, 2010, p. 65).

Por isso, a tensão esperançosa “já e ainda não” de Oscar Cullmann pode ser um itinerário interessante e eficaz que se devem partir os estudos escatológicos e os ensinamentos desse tema aos fiéis cristãos. Por via de um diálogo franco e aberto, bem como da chave de leitura oferecida por Cullmann (2020a), pode-se compreender que todos os cristãos já vivem esse evento. O que

cabe à Igreja e à comunidade de fiéis, é colocar em prática esse Reino, contudo não se deve abandonar o caminho reto e ético da missão, na esperança da plenitude dos tempos últimos que ainda não ocorreram, mas que se aguarda, com íntimo júbilo, pelo retorno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

3.4 A Esperança como atitude definitiva para os tempos vindouros

Agostinho, bispo de Hipona, vai afirmar que “pela esperança fomos salvos, e aguardamos com paciência o cumprimento de tuas promessas” (Agostinho, 2002, p. 264). Seguramente, tais promessas às quais se refere o iluminado teólogo dizem daquelas definitivas e vindouras em que o Reino de Deus se manifestará em toda sua plenitude e glória.

A segunda vinda do Senhor Jesus, agora, em glória, trasmutará o mundo, a realidade cósmica na qual vivemos e transfigurará a existência humana em existência perene em Espírito e em Verdade. Boff (1982, p. 74), vai dizer que “há um fim trans-histórico assegurado e se chama Reino escatológico de Deus” e, ao refletir sobre a passagem da oração do Pai Nosso, ensinada aos discípulos por Cristo, quando se diz “venha a nós o vosso Reino”, vai afirmar que “crer no Reino de Deus é crer num sentido terminal e feliz da história”. No entanto, como já dito em outros momentos deste texto, esse Reino escatológico já se iniciou com a primeira vinda de Jesus e está em continuidade na história humana por meio da Igreja e dos fiéis cristãos que permanecem em constante vigilância, adoração e ação. “Vigiai e orai” (Bíblia, 2014), essa pequena fórmula eternizada no Evangelho pode se deslizar em sentidos para “crede e agi”, ou seja, na vigília se age e na crença se ora. Nessas possibilidades que são metáforas para as práticas da fé, uma perspectiva enlaça todo esse movimento de sentidos para os crentes de todos os tempos: a esperança.

Fé e esperança, em muitos momentos se confundem em sentidos na Bíblia. Ter fé é ter esperança. E é a esperança da volta do Senhor Jesus que deve mover a Igreja como sendo parte essencial e integral do Reino. A esperança na *Parusia* está alicençada na esperança da Salvação. De acordo com que aponta Colli (2017) acerca da Salvação:

A salvação futura apresenta duas bênçãos: a imortalidade e a comunhão com Deus. Quanto à imortalidade, embora os evangelhos não falem da ressurreição dos crentes, passagens como a resposta de Jesus à dúvida dos saduceus sobre a lei do levirato (Lucas, 20: 27-36) podem indicar que a vida eterna envolve o ser total e que, no Reino de Deus, os seres humanos “são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lucas, 20: 36). Quanto à comunhão com Deus, Jesus diz que são “bem-aventurados os **puros de coração**, porque verão a Deus” (Mateus, 5: 8) [...] (Colli, 2017, p. 74).

Como se vê, os dois grandes horizontes da Salvação são a ressurreição para a imortalidade e a comunhão com Deus. São, conforme aponta o autor supracitado, duas bênçãos. Quem tem fé e esperança crê nas bênçãos da Salvação, que devem ser tomadas para si como norte para a vida e ser compartilhadas com todos por via da alegria do Evangelho.

Os acontecimentos salvíficos já iniciados com a “Encarnação do Verbo” (Bíblia, 2014), virão no retorno do Salvador. Todavia, enquanto isso não se dá é gesto essencial de todos que ajam no sentido mesmo de implantação desse Reino com ações e atitudes que possibilitem a plena realização salvífica na história. Mas também é essencial crer nesse Reino. Uma crença tão forte quanto a do Centurião romano que ao pedir a Jesus a cura para seu servo, disse-Lhe que bastaria apenas uma única palavra (Bíblia, 2014).

A certeza da *Parusia* que brota e se alimenta da esperança e da fé impõe que ajamos eficientemente contra as opressões e opressores, possibilitando aos pequeninos a quem Jesus tanto recomendou o lugar de destaque nas malhas que se entrelaçam na história moderna e, principalmente, contemporânea. Ter a certeza da *Parusia* é ter consciência clara do agir no mundo, pois a *Parusia* em si é a ação de Deus em favor aos seus eleitos.

Ter esperança na volta do Cristo não é “cruzar os braços” e esperar como se o mundo fosse parar e as coisas fossem adormecer, esperando o acontecimento na história. Jonathan Edwards, em um de seus sermões acerca da Redenção, vai exortar que “a vinda de Cristo será inesperada pelo mundo iníquo; virá como um grito à meia-noite” (Edwards, 2024, p. 35). Essa é uma das mais belas metáforas acerca da *Parusia*. Quem sabe quando um grito à meia-noite vai ocorrer? Somente nos cabe ficar na expectativa desse grito de libertação e agir no mundo em benefício de quem sofre o mal da desesperança. Aquele que espera, tem fé e se alegra por essa volta triunfal e trabalha nos campos do bem. O desesperançoso, ou seja, o que não tem fé, dá de ombros contra as Verdades eternas e se ilude com o mundo.

A esperança como atitude definitiva para os tempos vindouros não é uma espera passiva e acomodatória, pelo contrário, ela coloca a Igreja e os fiéis cristãos contemporâneos em ação no mundo, buscando a efetivação do Reino no agora de nossa realidade temporal. Cullmann (2020a) vai dizer que o que diferencia o Cristianismo de outras religiões é a temporalidade de sua constituição na história da humanidade. Existe uma linearidade de tempo que se iniciou com Cristo, e findará também com Cristo, e estamos caminhando para esse acontecimento que é salvífico.

A cultura contemporânea ou a cultura do contemporâneo, com todo seu percurso de desolação da verdade e de questionamentos acerca da primazia da fé sobre a vida, não pode solapar as cadeias da fé e da esperança, muito menos relativizar verdades que se fundam em convicções profundas e absolutas. Bezerra (2017) vai defender que:

O ser humano tem necessidades espirituais; precisa pensar sobre Deus. Seus anseios íntimos estão relacionados com seu Criador. [...] A igreja precisa destoar; não pode se vender. Ela não tem o espírito do mercado, pois representa os anseios de Deus para com seu povo. A igreja é o instrumento que Deus usa para ser o cabeça sobre todas as coisas (Bezerra, 2017, p. 169).

O púlpito, desse modo, deve se servir como um culto de adoração, esperança, verdade eterna e fé. A Igreja, como afirmar Bezerra (2017), deve ser o lugar de Deus-cabeça de todas as coisas, a Cruz de Cristo deve ser sempre o norte da Igreja e dos cristãos da atualidade, algo em falta em muitos ministérios hoje em dia.

A violência com que o discurso político atravessa a constituição do discurso religioso (pregações, homilias, prédicas, exortações etc.) em muitas Igrejas, faz com que se tornem mercadorias da fé, põe em causa um movimento de ruptura com a própria mensagem cristã que é a Salvação eterna no Reino de Deus. Cristo não pode ser analisado como um partidário político adepto deste ou daquele espectro ideológico. A mensagem de Cristo não é uma mensagem política nem mercadológica, mas sim uma mensagem clara de Salvação da alma.

Fluck (2021) vai nos recordar de que na Igreja de Tessalônica, no tempo do Apóstolo Paulo, a grande interrogação era o que haveria de ocorrer com aqueles que morreram antes da vinda do Senhor Jesus e, conforme elucida este autor, Paulo responde com convicção: “os mortos serão ressuscitados; os vivos serão levados à presença de Cristo em sua vinda” (Fluck, 2021, p. 33).

Adotando a fé e a esperança como projeto de vida, tomamos parte no projeto de Salvação assegurado por Deus a todos os crentes em Cristo Jesus. Assumamos os “tempos últimos” não como o fim de um estágio, mas como o início da verdadeira vida eterna, que começa ao transpassarmos a porta escura e enigmática da morte.

4. Considerações Finais

Este trabalho procurou colocar em causa a importância da dialética esperançosa do “já e ainda não” de Oscar Cullmann para a comunidade de fiéis, para a Teologia Sistemática e, principalmente, para os estudos em Escatologia. Procurou-se também destacar a importância de Oscar Cullmann para a compreensão do Reino de Deus, por via de sua chave hermenêutica e daquilo que vimos significando por tensão esperançosa do já iniciado e do ainda não consumado.

Esse modo de olhar a realidade escatológica e de compreender o Reino de Deus coloca a Igreja e os cristãos defronte ao real da existência, visto que o reinado de Deus *já* se iniciou com Cristo Jesus, mas *ainda* vai se concretizar em plenitude na *Parusia* do Senhor. Ter a

consciência dessa realidade, que é escatológica, é viver já o Reino em sua possibilidade concreta, em práxis, em misericórdia e amor.

O Apóstolo Paulo afirma que “quanto a datas e momentos, não é necessário escrever-lhes” (Bíblia, 2014). Desse modo, cabe à Igreja e aos cristãos da atualidade a perseverança concreta na fé e na espera, praticando as propostas do Reino no hoje e aguardando o retorno glorioso de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Referências

AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BEZERRA, C. M. **Pastoral Urbana**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

BÍBLIA. **Bíblia Pastoral**. Tradução de Paulo Bazaglia *et al.* São Paulo: PAULUS Editora, 2014.

BOFF, L. **O Pai-Nosso: a oração da libertação integral**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

COLLI, G. A. **Panorama teológico do Novo Testamento**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

CULLMANN, O. **Cristo e o Tempo: tempo e história no cristianismo primitivo**. 18. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2020a.

CULLMANN, O. **História da Salvação**. 18. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2020b.

EDWARDS, J. **Uma história da obra da redenção**. São Paulo: Vida Nova, 2024.

ERICKSON, M. J. **Escatologia: a polêmica em torno do milênio**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FLUCK, M. R. **Cartas paulinas e gerais**. Curitiba: Contentus, 2021.

LOPES JUNIOR, O. P. Um outro mundo já começou: questões para a escatologia cristã **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 638-649, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n26p638-649>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p638>. Acesso em: 09 nov. 24.

REZENDE, J. **O reino e a igreja: ministério urbano bíblico e equilibrado**. 2. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2023.

NETO, J. R. **Escatologia contemporânea**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

SHEDD, R. P. **Escatologia do novo testamento**. 3. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006.

Data de submissão: 13 de fevereiro de 2025

Data de aceite: 27 de maio de 2025